

DESCARTES

René Descartes (1596-1650) foi não só um dos mais importantes filósofos da Modernidade, considerado mesmo um dos que a inauguram, mas também um grande cientista, com um lugar de destaque na matemática – sobretudo pelo método das coordenadas e pelo produto cartesiano – e na história da psicologia – pelo modo como discute a subjetividade e a consciência e pelo método introspeccionista que propõe.

Suas contribuições se inserem na história da ciência em múltiplos sentidos. Descartes dedicou-se a várias pesquisas científicas nos campos da matemática, da física e da medicina, sendo um dos formuladores da visão mecanicista do corpo humano. Mas sua contribuição e sua influência na Revolução Científica, de um ponto de vista filosófico, devem-se principalmente à sua crítica aos antigos, em especial a Aristóteles, e à sua preocupação com um método que fundamentasse a ciência moderna e permitisse defendê-la como caminho a ser adotado pelos cientistas. Descartes explicita essa crítica em vários momentos, mas é sobretudo na “Carta-prefácio” à edição francesa de 1647 dos *Princípios da filosofia* que encontramos as referências claras a Platão e a Aristóteles, que, transformados em autoridades, foram “seguidos cegamente”, sem que se procedesse ao exame permanente pela própria razão do processo de constituição do conhecimento. É também nessa carta-prefácio que encontramos a metáfora, já adotada na Antiguidade pelos estoicos, da filosofia como uma árvore, cujas raízes consistem na metafísica, o tronco na física e os ramos nas demais ciências, sendo as três principais a medicina, a mecânica e a moral.

Nas *Meditações metafísicas* (1641), por sua vez, Descartes discute sua concepção de mente (em latim *mens*, *anima*, em francês *âme*, *esprit*), introduz uma nova acepção do termo “ideia” (*idée*) e examina como as ideias podem representar adequadamente o real e servir de base para o conhecimento. Essa preocupação se encontra desde suas primeiras obras, como as *Regras para a direção da inteligência* (*Regulae ad directionem ingenii*), de cerca de 1628, texto que permaneceu inacabado.

Diante dessa contribuição decisiva para a discussão sobre o conhecimento, pode-se considerar que Descartes é o ponto de partida da epistemologia moderna, pela maneira como articula princípios metodológicos com sua aplicação nas diferentes áreas do saber.

DISCURSO DO MÉTODO

A formação do filósofo

O *Discurso do método*, publicado em 1637 e escrito originalmente em francês – o que mostra sua preocupação com um público amplo –, foi uma das obras de maior repercussão de Descartes. Seu título completo deixa clara sua pretensão: *Discurso do método para bem conduzir a razão e buscar a verdade nas ciências*. A princípio, esse texto foi previsto como introdução metodológica a três obras científicas, que acabaram publicadas conjuntamente, com o título geral de *Ensaio do método* (*Essai de la méthode*), ou seja, aplicações desse método a determinados domínios científicos: *Di-óptica*, *Meteoros* e *Geometria*. No entanto, acabou por ter, sobretudo a partir do século XIX, um papel próprio, independente dessas outras obras, na discussão sobre a necessidade de fundamentar metodologicamente a ciência.

O texto do *Discurso do método* tem também um caráter fortemente autobiográfico. Descartes analisa sua formação, questionando a educação tradicional que recebera e defendendo a necessidade de rompermos com o saber adquirido, que naquele momento incluía ainda as teorias escolásticas e a ciência antiga, para pensarmos por nós mesmos. Argumenta em favor da valorização da experiência, mostrando, no entanto, ser necessário que esta seja sempre acompanhada da reflexão, ou seja, de um exame daquilo que a experiência nos revela, avaliando seu sentido e sua validade.¹

DISCURSO DO MÉTODO

As regras do método

As regras ou princípios formulados na Parte II do *Discurso do método* demonstram a preocupação em definir os procedimentos segundo os quais a ciência moderna pode chegar a resultados bem fundamentados, evitando os erros dos antigos, tais como o modelo geocêntrico de Ptolomeu. As quatro regras do método consistem na *regra da evidência*, que deve garantir a validade de nossos pontos de partida no processo de investigação científica; a *regra da análise*, que indica que um problema a ser resolvido

deve ser decomposto em suas partes constituintes mais simples; a *regra da síntese*, que sustenta que uma vez realizada a análise devemos ser capazes de reconstituir aquilo que dividimos, revelando assim um real conhecimento do objeto investigado; e a *regra da verificação*, que alerta para a necessidade de termos certeza de que efetivamente realizamos todos os procedimentos devidos.²

DISCURSO DO MÉTODO

A natureza humana

Na Parte V do *Discurso do método*, Descartes descreve o corpo humano de um ponto de vista físico, poderíamos mesmo dizer fisiológico, levando em conta os saberes médicos da época. Referindo-se às discussões sobre a circulação do sangue, então bastante debatida, Descartes foi um dos primeiros pensadores a aceitar a teoria de William Harvey³ – a quem se refere apenas como “um médico inglês” –, embora discorde de sua concepção do funcionamento do coração.

Descartes distingue explicitamente o lado físico do corpo humano, semelhante ao dos animais, da razão, de origem divina: a famosa distinção entre corpo e alma. Note-se que ele fala de distinção – e não de separação – entre o corpo e a alma, que para ele obviamente se encontram unidos, porém devem ser examinados separadamente. Portanto, seu suposto dualismo é menos radical do que geralmente tem sido considerado.